

A guerra e os pontífices católicos apostólicos romanos na defesa da Paz War and the Roman Catholic Apostolic Pontiffs in Defense of Peace

José Luís Lira¹

Resumo

O presente trabalho traz análise da atuação dos Papas da Igreja Católica Apostólica Romana na defesa da Paz. Observou-se aqueles que abertamente condenaram as guerras ou que agiram na diplomacia, mas, sempre almejando a paz. Pose-se observar a importância da ação e da palavra dos Papas ao longo dos conflitos que afligiram o mundo desde a Primeira Guerra Mundial até chegarmos à atual Guerra entre Rússia e Ucrânia. Concluindo, viu-se que a palavra e ação do chefe de Estado do menor País em dimensão do mundo, o Vaticano, se tornam eficazmente a voz de quem, com imparcialidade, busca, em todos os tempos, a PAZ.

Palavras-chave: Papa. Guerra. Paz.

Resumen

El presente trabajo presenta un análisis del papel de los Papas de la Iglesia Católica Romana en la defensa de la Paz. Se observó a quienes condenaban abiertamente las guerras o actuaban en la diplomacia, pero siempre apuntando a la paz. Es posible observar la importancia de la acción y la palabra de los Papas a lo largo de los conflictos que aquejaron al mundo desde la Primera Guerra Mundial hasta llegar a la actual Guerra entre Rusia y Ucrania. En conclusión, se vio que la palabra y la acción del jefe de Estado del país más pequeño del mundo, el Vaticano, se convierten efectivamente en la voz de quienes, con imparcialidad, buscan, en todo momento, la PAZ.

Palabras clave: Papa. Guerra. Paz.

¹ José Luís Araújo Lira. Doutor em Direito pela Universidade Nacional de Lomas de Zamora, Argentina, título reconhecido no Brasil, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); Pós-Doutor em Direito pela Universidade de Messina, Itália; Especialista em Direito Canônico pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão (IESMA), Faculdade Católica; Professor Adjunto do Curso de Direito da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), sediada em Sobral, Ceará. Autor de 26 livros publicados, participante de diversas entidades culturais e científicas. Email: joselira.adv@hotmail.com

Abstract

The present work presents an analysis of the role of the Popes of the Roman Catholic Church in the defense of Peace. It was observed those who openly condemned wars or who acted in diplomacy, but always aiming for peace. It is possible to observe the importance of the action and the word of the Popes throughout the conflicts that afflicted the world from the First World War until we reach the current War between Russia and Ukraine. In conclusion, it was seen that the word and action of the head of State of the smallest country in the world, the Vatican, effectively become the voice of those who, with impartiality, seek, at all times, PEACE.

Keywords: Pope. War. Peace.

Introdução

O presente artigo analisa a atuação dos Papas da Igreja Católica Apostólica Romana na defesa da paz. A pesquisa se apoiou, principalmente, em textos oficiais do Vaticano e outros de ordem midiáticos, todos com fontes citadas em notas de rodapé e em nosso próprio conhecimento dos fatos. Resolvemos delimitar, para efeito de análise, o período que se inicia com a primeira grande guerra, no pontificado do Papa Bento XV. Percorremos o pontificado de Pio XII, da segunda grande guerra. Chegamos aos pontificados dos Santos João XXIII e João Paulo II, comentando rapidamente o pontificado de Bento XVI que transcorreu sem grandes conflitos mundiais até chegar ao Papa Francisco, sua luta pela paz e atuação na busca incessante pelo fim do conflito armado entre Rússia e Ucrânia.

Primeira Guerra Mundial

O primeiro grande conflito mundial, a Primeira Guerra Mundial durou entre 28 de julho de 1914 e durou até 11 de novembro de 1918.

Um pouco antes do início do conflito, Giacomo Paolo Giovanni Battista della Chiesa o Cardeal Giacomo della Chiesa era o arcebispo de Bologna, Itália, em junho de 1914, quando tiros de pistola por um nacionalista sérvio, em Sarajevo, mataram o arquiduque austríaco Franz Ferdinand e sua esposa, Sophie, o que teve consequências em todo o mundo. Era o estopim para o início da Primeira Grande Guerra Mundial.

No dia 20 de agosto de 1914, com a Primeira Guerra Mundial não tendo nem um mês de desde o seu início, o Papa Pio X, aclamado o Papa da Eucaristia, hoje santo da Igreja

Católica, morreu. Em 3 de setembro de 1914, o Cardeal Giacomo della Chiesa foi eleito Papa, apenas quatro meses depois de ter se tornado cardeal. Coroado em 6 de setembro de 1914, adotou o nome de Bento XV e possuía a experiência diplomática que o conclave queria. Em seus primeiros anos de pontificado, inúmeras tentativas infrutíferas de parar uma guerra foram encetadas. Ele condenou a guerra e a definiu como “o suicídio da Europa civilizada”.

Em matéria publicada no site Vatican News sobre Bento XV, em 22 de janeiro de 2022, Amedeo Lomonaco, da Cidade do Vaticano, se lê:

O Pontificado de Bento XV está ligado, em particular, aos apelos para o fim dos "massacres inúteis" causados pela I Guerra Mundial, à promulgação do novo Código de Direito Canônico e à anulação do "*non expedit*" que, com o decreto de 10 de setembro de 1874, proibia os católicos de participar da vida política.

Em 1854, Gênova foi abalada por uma terrível epidemia de cólera. Naquele período dramático, semelhante ao nosso, nasceu Giacomo Paulo João Batista della Chiesa, terceiro de quatro filhos de uma família de Condes, batizado na igreja paroquial de Nossa Senhora das Vinhas.

O palácio da família está situado na Rampa de Santa Caterina, no centro histórico de Gênova, em meio a um labirinto de vielas, que leva à zona portuária.

Aos quinze anos, Giacomo della Chiesa expressou o desejo de seguir a vocação sacerdotal. Por ordens de seu pai, matriculou-se, pela primeira vez, na Faculdade de Direito. Depois da sua formatura, entrou para o Colégio Caprânica de Roma, onde foi ordenado sacerdote em 21 de dezembro de 1878. A seguir, ingressou na Pontifícia Academia dos Nobres Eclesiásticos, onde eram preparados os jovens de famílias patrícias para o serviço diplomático da Santa Sé.

Em 1883, Giacomo partiu para Madri, onde foi secretário do Núncio apostólico, Mariano Rampolla de Tindaro; foi nomeado e consagrado Bispo por Pio X, na Capela Sistina, em 22 de dezembro de 1907, e, depois, Arcebispo de Bolonha. Em 25 de maio de 1914, segundo a sua biografia, publicada no site oficial da Santa Sé, foi criado Cardeal. Três meses depois, em 20 de agosto, falece o Papa Pio X, em um período dramático: em 28 de julho, a Áustria e Hungria declaram guerra à Sérvia, que deu início à I Guerra Mundial.

Eleição e horror da Guerra

No Conclave, que ocorreu em 31 de agosto de 1914, o recém-Cardeal Giacomo della Chiesa foi eleito Papa com o nome de Bento XV. Desde o início do seu Pontificado, expressou seu pesar pela tragédia da grande Guerra.

Na Exortação apostólica “*Ubi primum*”, de 8 de setembro, exortava “os responsáveis pelo destino dos povos a depor todos os seus dissídios em prol da sociedade humana”. E acrescentava: “Do trono apostólico, volto meu olhar a todo o rebanho do Senhor, que nos foi confiado. O imane espetáculo desta Guerra enche nossos corações de horror e tristeza, ao constatar que grande parte da Europa, devastada por ferro e fogo, é coberta com o sangue dos cristãos”.

O drama da Primeira Guerra também se encontra na sua primeira encíclica “*Ad beatissimi apostolorum*”, onde o Pontífice destaca: “Todos os dias, a terra transborda de mais sangue e coberta de mortos e feridos”.

“Fim dos massacres inúteis”

Os numerosos apelos de Bento XV pela Paz, infelizmente, foram ignorados. Em 24 de maio de 1915, a Itália, que permaneceu neutra por quase um ano, entrou na guerra.

Em 28 de julho de 1915, pelo primeiro aniversário da eclosão da I Guerra, o Pontífice dirigiu uma premente exortação a todos os povos beligerantes, para depor as armas e acabar com o conflito: “Esta carnificina terrível há um ano difama a Europa. O sangue fraterno continua a derramar sobre a terra e nos mares”.

Em 1916, dirigindo-se ao Colégio Cardinalício, Bento XV invocou, mais uma vez, "uma paz justa e duradoura, para acabar com os horrores da guerra". Porém, o conflito continuou. Por isso, em 1º de agosto de 1917, enviou uma Carta aos líderes dos povos beligerantes, pedindo o fim daquele, que denominou, "massacre inútil": "Reflitam sobre a sua gravíssima responsabilidade perante a Deus e perante aos homens".

Fim da I Guerra Mundial

Enfim, em 1918, chegou o momento tão esperado: o fim da guerra, tão invocado pelo Pontífice. De fato, assim inicia a sua encíclica "Quod iam diu", em 1º de dezembro de 1918: "Chegou o dia que todo mundo esperava, por muito tempo, ansiosamente, e que a Cristandade invocou, com fervorosas orações, e nós, intérpretes do sofrimento comum, invocamos, incessantemente, para o bem de todos: as armas, finalmente, foram depostas".

Em 1919, teve início em Paris a Conferência Internacional da Paz. Por ocasião deste evento crucial, o Papa expressa seu desejo, na encíclica "Quod iam diu": "Sejam adotadas decisões, com base nos princípios cristãos da justiça. Os católicos, que devem, com consciência, favorecer a ordem e o progresso civil, têm o dever de pedir ao Senhor a sábia assistência para os participantes na Conferência de Paz".

Atingido por broncopneumonia, O Papa Bento XV faleceu em 22 de janeiro de 1922, acometido por uma broncopneumonia.²

Em 7 de dezembro de 1914, conforme se constata da leitura de artigo publicado num sítio eletrônico de responsabilidade dos jesuítas nos Estados Unidos, Bento XV fez apelo por uma trégua de Natal na Primeira Guerra: "Que as armas possam ficar em silêncio, pelo menos na noite em que os anjos cantaram".

O mesmo artigo aponta uma grande vitória do Pontífice:

... aqueles no poder recusaram um cessar-fogo. Mas Bento XV encontrou espíritos semelhantes nas trincheiras. Desafiando as autoridades militares, os soldados negociaram as próprias tréguas locais de Natal. Homens na linha de frente colocam condecorações, cantaram canções para frente e para trás em terra de ninguém, colocaram as vítimas de violência para descansar, trocaram presentes e até relataram ter jogado um jogo amistoso de futebol. Infelizmente, tal fraternidade não sancionada foi impedida de sair novamente ao longo da guerra.³

O Papa seguiu em sua luta pela paz. Em 1917, com o mundo mergulhado na primeira Guerra, em Portugal se registrou a aparição de Nossa Senhora em Fátima aos Santos Pastorinhos Jacinta e Francisco Marto e à Serva de Deus Lúcia de Fátima. Nos pedidos de Nossa Senhora se observa o incessante pedido de orações pelo fim da Guerra.

No sítio eletrônico da Arquidiocese de Brasília, Aloísio Parreiras, afirma que

... o mundo estava vivendo a Primeira Guerra Mundial e a Revolução russa. Mas, Nossa Senhora também deixou claro que, se as pessoas não rezassem e não se

² Fonte: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-01/cem-ano-morte-papa-bento-xv.html> - Acesso em 03 março 2022.

³ CASTILLO, Dennis A., professor de História da Igreja no Seminário Cristo Rei, em Buffalo, Nova Iorque (EUA). In: <https://www.americamagazine.org/issue/broken-world> - Acesso em 03 março 2022.

afastassem do pecado, o mundo iria mergulhar em outra guerra mais sangrenta. Para impedir as sangrentas guerras, Ela pediu a consagração da Rússia ao Seu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados. Ela também suplicou: ‘Recitai o Rosário todos os dias para obter a paz para o mundo e o fim da guerra!’. De imediato, esse pedido não foi acolhido integralmente pelos povos dos diversos continentes. Então, em 1939, o mundo assistiu estupefocado ao início da Segunda Guerra Mundial, com a invasão da Polônia pela Alemanha.⁴

Findo o Conflito Mundial o Papa escreveu em sua breve Carta Encíclica “*QUOD IAM DIU*”, dada em Roma, junto de São Pedro, em 1º de dezembro de 1918:

No que diz respeito, como Vigário, embora sem merecer, de Jesus Cristo, “Rei da Paz”, buscaremos com todo o poder e autoridade de nosso cargo apostólico, que todos os acordos tomados para a paz perpétua e concordância do mundo, sejam por todos os nossos voluntariamente recebidos e inviolavelmente cumpridos.⁵

O Papa Bento XV passou à História como o Papa da Paz. É dele o primeiro documento Magisterial Pontifício dedicado exclusivamente ao tema da paz: a Encíclica “*PACEM, DEI MUNUS PULCHERRIMUM*”, publicada em 1920. Nesta Encíclica em que o Papa reforça o desejo de que a Imaculada Virgem Maria seja invocada com o título de Rainha da Paz, pede Sua Santidade:

... referindo-nos ao início do nosso discurso, voltamos com carinho a todos os nossos filhos e imploramos-lhes novamente em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo para que eles possam querer esquecer as rivalidades e ofensas uns dos outros, e agarrar-se ao abraço da caridade cristã, diante do qual não há estranhos ou estranhas. Também exortamos sinceramente todas as nações que, no espírito da benevolência cristã, possam ser levadas a estabelecer a verdadeira paz entre si, e a se unirem em um único pacto que, na esperança de que a justiça seja duradoura.⁶

Segunda Guerra Mundial

E o mundo experimentou da paz por um tempo, até que entre 1º de setembro de 1939 e 2 de setembro de 1945, o mundo conheceu os horrores da Segunda Guerra Mundial. Era Papa Sua Santidade o Papa Pio XII.

Na primeira Encíclica escrita pelo Papa Pio XII, observa-se sua preocupação com a Guerra. Passada em Castelgandolfo, junto de Roma, no dia 20 de outubro do ano de 1939, pouco mais de um mês após o início da Guerra, lemos:

⁴ Fonte: <https://arqbrasil.com.br/as-mensagens-de-nossa-senhora-de-fatima/> - Acesso em 03 março 2022.

⁵ https://www.vatican.va/content/benedict-xv/it/encyclicals/documents/hf_ben-xv_enc_01121918_quod-iam-diu.html - Acesso em 03 março 2022.

⁶ Fonte: https://www.vatican.va/content/benedict-xv/it/encyclicals/documents/hf_ben-xv_enc_23051920_pacem-dei-munus-pulcherrimum.html - Acesso em 03 março 2022.

Veneráveis irmãos, o momento em que vos chega às mãos esta nossa primeira encíclica, bem pode ser qualificado, sob vários aspectos, de uma verdadeira "hora das trevas" (Lc. 22, 53), na qual o espírito da violência e da discórdia verte sobre a humanidade a sanguinolenta ânfora de dores inomináveis. Será porventura necessário assegurar-vos que o nosso coração, repassado de compassivo amor, está nesta hora bem próximo de todos os seus filhos, e especialmente dos atribulados, dos oprimidos e perseguidos? Os povos arrastados para essa trágica voragem, que é a guerra, estão ainda, por assim dizer, no "princípio das dores" (Mt. 24, 8), mas reinam já, em milhares de famílias, morte e desolação, pranto e miséria. Do sangue de inúmeros seres humanos, mesmo de não combatentes, desprende-se lancinante brado, especialmente nessa diletta nação como a Polônia que, pela sua fidelidade à Igreja, pelos seus grandes méritos na defesa da civilização cristã, gravados em caracteres indelévels nos fatos da história, tem direito à simpatia humana e fraterna do mundo, e aguarda, confiante na poderosa intercessão de Maria, "Socorro dos cristãos", a hora de uma ressurreição que corresponde aos princípios da justiça e da verdadeira paz.⁷

O Papa, diplomata por formação, seguiu sua batalha contra a Guerra sem uma declaração oficial do Vaticano que foi muito cobrada, mas, sua preocupação principal foi em salvar vidas e assim o fez com os principais perseguidos pela Alemanha Nazista, os judeus.

Lemos no site Vatican News lemos que o

Papa Pio XII sabia e salvou milhares de judeus: salvou pessoalmente pelo menos 15 mil judeus e sabia em detalhes o que estava acontecendo no coração da Europa. O historiador alemão Michael Feldkamp afirma isso com evidências coletadas nos arquivos do Vaticano: "Agora podemos corrigir muitas vagas suposições ou até mesmo acusações" contra o Pontífice e seu suposto "silêncio".⁸

A Enciclopédia Livre Wikipedia informa:

Quando, em 10 de setembro de 1943 os nazistas invadiram Roma, o Papa abriu a Santa Sé aos refugiados, estimando-se que tenha concedido a cidadania do Vaticano a entre 800 mil e 1,5 milhão de pessoas, e nos meses em que Roma se encontrava sob ocupação alemã, Pio XII instruiu o clero italiano sobre como salvar vidas usando de todos os meios possíveis. Cento e cinquenta e cinco conventos e mosteiros em Roma deram asilo a aproximadamente cinco mil judeus. Pelo menos três mil encontraram refúgio na residência de verão do pontífice, em Castel Gandolfo. Sessenta judeus viveram por nove meses dentro da Universidade Gregoriana e muitos foram escondidos no subsolo do Pontifício Instituto Bíblico. Seguindo as instruções de Pio XII, muitos padres, monges, freiras, cardeais e bispos italianos empenharam-se para salvar milhares de vidas judias. O cardeal Boetto, de Gênova, salvou pelo menos oitocentas vidas. O bispo de Assis escondeu trezentos judeus por mais de dois anos. O bispo de Campagna e dois de seus parentes salvaram outros 961 em Fiume.⁹

⁷ Fonte: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20101939_summi-pontificatus.html - Acesso em 4 abril 2022.

⁸ Fonte: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-02/pio-xii-historiador-feldkamp-holocausto.html> - Acesso em 4 abril 2022.

⁹ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Pio_XII - Acesso em 4 abril 2022.

Em radiomensagem aos fiéis portugueses, num sábado, 31 de outubro de 1942, em plena Guerra, o Papa Pio XII consagrou a Igreja e o Gênero Humano ao Coração Imaculado de Maria e na e na Carta Apostólica "*SACRO VERGENTE ANNO*", consagrou a Rússia ao Coração Imaculado de Maria (7 de julho de 1952).

O Papa Pio XII também lutou pela Paz, diplomaticamente, salvando vidas e chegou a ser ameaçado de sequestro por Hitler e ele teria escrito uma renúncia ao Pontificado que seria publicada caso tal ação fosse concretizada.

Durante muito tempo sua ação foi questionada, mas, à luz da documentação exposta pelo Vaticano, vê-se uma ação firme em favor da vida e da paz encetada pelo Papa Pio XII.

O Papa João XXIII e sua luta pela paz na terra

João XXIII, o então Cardeal Angelo Roncalli, foi diplomata do Vaticano durante a Segunda Guerra e ajudou a salvar inúmeros judeus que eram levados para campos de concentração nazistas. O Cardeal chegou até a testemunhar, por carta, no Tribunal de Nuremberg que julgou os crimes da Segunda Guerra, afirmando que, enquanto era Núncio Apostólico em Budapeste, na Hungria, o embaixador alemão Franz von Papen deu-lhe a possibilidade de salvar a vida de 24 mil judeus.

1962. O Cardeal Roncalli havia dado lugar ao Papa João XXIII e o mundo estava mergulhado na Guerra Fria.

... Em 15 de outubro um avião espião norte-americano U-2 detecta a presença de mísseis sendo posicionados em diversos locais da Ilha de Cuba. No dia 22, o presidente John Kennedy faz um pronunciamento em cadeia de Rádio e televisão anunciando que navios soviéticos se dirigiam à Ilha para armas com ogivas nucleares os mísseis existentes na Ilha, a poucas dezenas de quilômetros da costa dos Estados Unidos. A tensão crescia e o desencadear de um conflito nuclear era eminente.

Foi então que o presidente norte-americano se dirigiu a João XXIII pedindo a sua mediação entre a Casa Branca e o Kremlin, acreditando que um apelo do Papa poderia resolver a crise.

João XXIII, profundamente sensibilizado pelo pedido, enviou uma carta aos presidentes da União Soviética Nikita Krushchev e dos Estados Unidos John Kennedy e lançou um apelo público à paz, através dos microfones da Rádio Vaticano, um apelo vibrante que tocou a consciência de milhões de pessoas sem distinção de credo. Papa João XXIII:

“Paz! Paz! Nós renovamos hoje esta solene súplica. Nós suplicamos a todos os governantes a que não fiquem surdos a este grito da humanidade. Que façam tudo aquilo que está ao seu alcance para salvarem a paz. Evitarão assim ao mundo os horrores de uma guerra, da qual não se pode prever quais serão as terríveis consequências.”

Essa guerra não aconteceu, graças à intervenção do Papa João XXIII que depois celebrou o feito, alguns meses depois, com a Encíclica "Pacem in Terris", dirigida ao episcopado, ao clero, aos fiéis de todo o mundo e a todas as pessoas de boa vontade, afirmando que "A paz na terra, anseio profundo de todos os homens de todos os tempos, não se pode estabelecer nem consolidar senão no pleno respeito da ordem instituída por Deus".

João Paulo II

Nascido KAROL JÓZEF WOJTYŁA, a 18 de maio de 1920, em Wadowice, Małopolskie (Polônia), o Cardeal WOJTYŁA foi eleito papa em 1978 e realizou profícuo e inovador pontificado, buscando a aproximação da Santa Madre Igreja com outros credos, estabelecendo nova legislação no tocante às causas dos santos, sendo o Papa que mais beatificações e canonizações promoveu em toda a história.

Na juventude foi poeta e ator. São João Paulo II é marcado como um dos mais carismáticos pontífices que, em vida, esteve em quase todos os continentes e que, em seu retorno à Casa do Pai, ocorrido em 2 de abril de 2005, reuniu em torno de si, a juventude, os diferentes credos e mais de uma centena de chefes de Governo e de Estado.

Seu pai, Karol Wojtyła, viveu os dias da Primeira Guerra e ele, os dias da Segunda Guerra e ingressou num seminário clandestino na Polônia. Percebe-se no seu pontificado uma forte luta pela paz e Sua Santidade, hoje Santo da Igreja Católica, condenou a guerra e foi um missionário da paz.

Boa parte dos 26 anos do Pontificado de São João Paulo II, foram marcados pela Guerra Fria, com seus inúmeros apelos à paz e mediações, também nas visitas aos 129 países em que esteve em visitas apostólicas.

Na Carta Encíclica "*CENTESIMUS ANNUS*", de 1º de Maio do ano de 1991, São João Paulo II afirma:

... por ocasião da recente guerra dramática no Golfo Pérsico, repeti o grito: "Nunca mais a guerra"! Nunca mais a guerra, que destrói a vida dos inocentes, que ensina a matar e igualmente perturba a vida dos assassinos, que deixa atrás de si um cortejo de rancores e de ódios, tornando mais difícil a justa solução dos próprios problemas que a provocaram! Como dentro dos Estados chegou finalmente o tempo em que o sistema da vingança privada e da represália foi substituído pelo império da lei, do mesmo modo é agora urgente que um progresso semelhante tenha lugar na Comunidade internacional. Não se deve esquecer também que, na

raiz da guerra, geralmente há reais e graves razões: injustiças sofridas, frustração de legítimas aspirações, miséria e exploração de multidões humanas desesperadas, que não veem possibilidade real de melhorar as suas condições, através dos caminhos da paz.

Por isso, o outro nome da paz é o desenvolvimento.

O sucessor de São João Paulo II, Papa Bento XVI, viveu os dias da Segunda Guerra na Alemanha nazista. No período cursou o seminário, tendo sido requisitado a atuar em hospital militar. Ele sempre condenou qualquer tipo de violência e também se enfileira entre os pontífices que lutaram pela paz, inclusive resgatando o nome do Papa da Paz que atuou durante a Primeira Guerra.

Papa Francisco e a luta pela paz

O Papa Francisco, primeiro Papa Latino-Americano, tem sido ardoroso batalhador pela paz e se portado, veementemente, contra qualquer tipo de conflito. Desde o início de seu Pontificado, a exemplo de seu predecessor São João Paulo II, por ele canonizado, buscou a proximidade ecumênica com outras religiões. Toda vez que a paz esteve ameaçada, sua voz ecoou forte no Vaticano.

Quando dos conflitos na Terra Santa e no Oriente Médio, na audiência geral de 16 maio 2018, o Papa Francisco conclamou: “Convido todas as partes em causa e a comunidade internacional a renovar o empenho para que prevaleçam o diálogo, a justiça e a paz”.

Na recente guerra entre Rússia e Ucrânia, o Papa tem demonstrado todo o seu pesar e sofrimento, tentando mediar a paz e o fim do conflito armado. Em março último o Secretário de Estado Vaticano, Cardeal Pietro Parolin, reiterou “a dor de Francisco pelo conflito em andamento e a esperança de que as armas se calem”.

O site Vatican News, em 28 de março de 2022, afirma

A guerra - disse o Papa Francisco no Angelus de 27 de março - não pode ser algo inevitável: não devemos nos acostumar à guerra! Ao invés disso, devemos converter a indignação de hoje no compromisso de amanhã. Porque, se sairmos disso como antes, todos seremos culpados de alguma forma. Diante do perigo da autodestruição, a humanidade entenda que chegou a hora de abolir a guerra, de apagá-la da história humana antes que ela apague o homem da história.¹⁰

¹⁰ Fonte: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-03/papa-francisco-editorial-tornielli-28-marco.html>
- Acesso: 5 abril 2022.

Na sexta-feira, 25 de março de 2022, Solenidade da Anunciação do Senhor, o Papa Francisco presidiu a Celebração da Penitência com o Ato de Consagração ao Imaculado Coração de Maria, na Basílica de São Pedro, acompanhado dos Bispos de todo o mundo.

O Papa afirmou na ocasião:

Nestes dias, notícias e imagens de morte continuam entrando dentro de nossas casas, enquanto as bombas destroem as casas de muitos dos nossos irmãos e irmãs ucranianos inermes. A guerra brutal, que se abateu sobre tantos e que a todos faz sofrer, provoca em cada um medo e consternação. Notamos dentro de nós uma sensação de impotência e inadequação. Precisamos ouvir dizer-nos: “não temas”. Mas não bastam as garantias humanas, é necessária a presença de Deus, a certeza do perdão divino, o único que apaga o mal, desativa o rancor, restitui a paz ao coração. Voltemos a Deus, ao seu perdão.

(...)

... perdemos o caminho da paz. Esquecemos a lição das tragédias do século passado, o sacrifício de milhões de mortos nas guerras mundiais. Descuidamos os compromissos assumidos como Comunidade das Nações e estamos a atraí-los os sonhos de paz dos povos e as esperanças dos jovens. Adoecemos de ganância, fechamo-nos em interesses nacionalistas, deixamo-nos ressequir pela indiferença e paralisar pelo egoísmo. Preferimos ignorar Deus, conviver com as nossas falsidades, alimentar a agressividade, suprimir vidas e acumular armas, esquecendo-nos que somos guardiões do nosso próximo e da própria casa comum. Dilaceramos com a guerra o jardim da Terra, ferimos com o pecado o coração do nosso Pai, que nos quer irmãos e irmãs. Tornamo-nos indiferentes a todos e a tudo, exceto a nós mesmos. E, com vergonha, dizemos: perdoai-nos, Senhor!¹¹

O Pontífice Romano Católico continua sua contínua batalha e denúncia contra a Guerra.

Conclusão

A palavra do Vigário de Cristo na Terra, como também é conhecido o Sumo Pontífice Católico Apostólico Romano, se reveste, em todos os tempos, nas palavras daquele que veio ao mundo para trazer a paz: Jesus Cristo.

No decorrer deste rápido artigo, podemos observar quão importante essa palavra foi ao longo dos conflitos que afligiram o mundo desde a Primeira Guerra Mundial, passando pela Segunda Guerra Mundial e outros conflitos, um destes até solucionado antes de acontecer graças à intervenção do Papa João XXIII, até chegarmos à atual Guerra entre

¹¹ Fonte: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-03/papa-francisco-ato-consagracao-imaculado-coracao-maria.html> - Acesso: 5 abril 2022.

Rússia e Ucrânia, tendo a voz firme e necessária do atual Pontífice a denunciar os dramas vividos pelos ucranianos e sua defesa da Paz.

Concluindo, esperamos ver reinar a paz no mundo e para isto a palavra e ação do chefe de Estado do menor País em dimensão do mundo se tornam eficazmente a voz de quem, com imparcialidade, busca, em todos os tempos, a PAZ.

Referências

Nota do Editor: Por se tratar de um Número Especial onde algumas contribuições são opiniões ou ensaios, alguns textos não apresentam Referências como usualmente ocorre nos artigos que são regularmente publicados na nossa Revista.